

Categoria

Trabalho Acadêmico\Resumo Expandido

Titulo do Trabalho

LUTA INDIGENA: HISTÓRIA CONQUISTAS E DERROTAS

Nome do Autor (a) Principal

José Antonio Lopes da Silva Junior

Nome da Coautora

Thayná Nogueira Gomes

Nome (s) do Orientador (a) (s)

Greisse Quintino Leal

Instituição ou Empresa

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Três Lagoas

Instituição (s) de Fomento

Nome da Instituição

E-mail de contato

juca_oratres@hotmail.com

thayna_nog@hotmail.com

Palavras-chave

Desapropriação, Movimento indígena e Terra.

1 INTRODUÇÃO

Desde o início da colonização europeia no Brasil, o povo indígena tem sofrido com a perda da sua terra nativa. Quando eles aqui chegaram o índio não sabia, mas sua paz

estava por acabar. Durante o processo de colonização, os europeus queriam forçar os índios a trabalhar para eles na condição de escravos, não conseguindo os europeus taxaram o índio como preguiçoso, uma ideia fixada na cabeça das pessoas que ainda hoje se mantém. Desde então os índios foram desapropriados, explorados, escravizados e principalmente assassinados pelo homem que só queria apoderar-se de seus bens e expandir seus negócios, era o início da expansão capitalista.

A verdade é que o Brasil foi construído em cima de um cemitério de povos que foram sendo massacrados ao longo da história de expansão do território brasileiro. Movimentos indígenas ao longo de muitos anos tentaram e irão tentar amenizar essa desapropriação, mas a luta é difícil, o capital cobre os olhos das instituições que deveriam lutar a favor da causa indígena; os índios ainda irão sofrer muito nessa luta.

2 OBJETIVO GERAL

- Discutir a importância do povo indígena para a sociedade brasileira, valorizando suas culturas e costumes, e contextualizar como ocorreu o processo de destruição e desrespeito a esse povo com a expansão do capitalismo.

3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discorrer sobre o processo de colonização do Brasil;
- Explicitar o papel do índio nesse processo;
- Reconhecer como se deu a luta indígena pela terra e quais foram às conseqüências;
- Através da pesquisas do projeto de construção da Usina de Belo Monte (AM), demonstrar como está ocorrendo a resistência do índio pela terra.

4 METODOLOGIA

Foram analisados dados históricos de acordo com revisão bibliográfica de Anjos (2005); Esterci (1999); Oliveira (1990) e Picoli (2006) que deram embasamento para a produção deste artigo. O trabalho obedeceu 4 (quatro) etapas: Contextualização histórica

do processo de colonização; luta dos movimentos indígenas pela terra; conseqüências da desapropriação e por último foi feita uma pesquisa sobre o projeto de construção da Usina de Belo Monte.

5 RESULTADO (S)

Desde 1500 até os dias de hoje os indígenas lutam contra a desapropriação de sua terra no Brasil, contra a entrada de qualquer forma e maneira do homem tirar proveito dos bens minerais e recursos florestais que há em sua terra. O indígena foi e é desenraizado de sua terra e em muitas vezes era obrigado a trabalhar para os colonizadores.

Não era somente a terra e suas riquezas que interessava aos povos europeus, mas também os homens, para o cultivo e a exploração, eram necessários aos colonizadores (ANJOS, 2005, p.27).

A partir do século XVII o Brasil tinha sua economia baseada na lavoura de cana-de-açúcar, principalmente no interior do nordeste. Eram travados sangrentos combates entre brancos e índios pela apropriação da terra. No século seguinte com a exploração do ouro nos estados de MG, GO e MT algumas tribos indígenas foram ocupadas e os índios obrigados a trabalhar nas expedições auríferas. Na região amazônica existem documentos sobre guerras de grupos indígenas contra a opressão que lhes eram impostas pelos colonos no século XVIII.

No século XX após a tomada do governo pela ditadura militar, grandes projetos de indústrias se desenvolveram na Amazônia. Apoiados por incentivos do governo (que acontecem até hoje) essas empresas batiam de frente com grandes povos indígenas que acabavam sendo expulsos de suas terras.

O órgão de proteção indígena que deveria ser usado a favor da luta e da causa do índio começa a ser utilizado como forma de consenso a favor do estado.

Para o estado e o capital em conjunto, os povos das florestas são vistos como um obstáculo, um estorvo sem direito à existência. Tanto é que órgãos estatais como Sudam, Basa, Pin, Suframa, Polamazônia, Proterra, INCRA e FUNAI não têm preocupação alguma em preservar os direitos e interesses desses povos, pois são direcionados em suas práticas para proteger os grupos econômicos organizados. (PICOLI, 2006, p.76).

Dessa forma o capitalismo se estende de forma agressiva na região colaborando de forma fácil para a expropriação do indígena e dos posseiros da região, um conflito de interesses distintos em um mesmo espaço que acaba favorecendo os capitalistas.

Do ano de 1500 ao ano 2000, a população indígena diminuiu cerca de **5 milhões** de habitantes conseqüentes de desapropriações, doenças assassinos e etc., e cerca de 90% de suas áreas foram tomadas por interesses capitalistas.

O processo de colonização do Brasil deixa para traz um rastro de sangue, violência e morte dos povos originários, acontecendo casos de genocídios de tribos inteiras (PICOLI, 2006). Nos dias de hoje cerca de 200 mil indígenas lutam teimosamente para sobreviver sendo que sua maior concentração está na Amazônia (OLIVEIRA apud PICOLI, 2006).

As Conseqüências

O índio ao ser expulso de sua terra se viu obrigado a tentar a vida na sociedade, o que era muito difícil, pois não sabia nada daquele modo de sobrevivência e quase sempre era enganado pelo homem que tirava proveito de sua falta de conhecimento. Hoje o índio é vítima da pobreza e desigualdade social. A luta pela terra e pela sobrevivência indígena se confunde, pois são igualmente históricas.

O preconceito também foi e ainda é uma luta do povo indígena, pois é visto como um animal selvagem que não sabe viver em igualdade com o homem da cidade. Grandes empresas, proprietários de terra, grileiros entre outros, são os grandes inimigos do índio, que vê sua terra história sendo tomada e coberta pela cobiça e ignorância do homem que vê no índio apenas um estorvo, não pensa em nenhum momento que ali esta a vida e história de um povo nativo vivendo apenas com o próprio esforço, que de uma hora pra outra é obrigado a deixar tudo e tentar sobreviver em um território desconhecido chamado de mundo globalizado ou simplesmente "Capitalismo".

A luta indígena não tem data específica de criação, várias leis, acordos e tratados ao longo dos anos têm atuado em busca da garantia, efetivação e defesa dos direitos indígenas. Tais reivindicações pela necessidade dos povos indígenas obtêm

proteção especial, sem ferir o princípio da organização social e de autonomia de cada povo, por considerarmos inúmeros fatores que ameaçam a reprodução física e cultural de nossos povos.

A organização do movimento indígena cria iniciativas para enfrentar as dificuldades, a mobilização dos povos em manifestações sociais, fez com que o movimento obtivesse respeito do governo e da sociedade brasileira. A dificuldade ainda a ser superada, para possibilitar o fortalecimento integral do movimento indígena é da necessidade de criação de uma organização indígena de representação nacional dos povos no Brasil.

A principal luta indígena nos dias de hoje é para conseguir demarcar suas terras que foram tomadas ao longo da história. O estatuto do índio assinado em 1973 fez com que até hoje apenas 10% das terras fossem homologadas, cerca de 60% ainda não foram homologadas pela presidência da República (OLIVEIRA, 1990).

O índio não é um sujeito tão selvagem como muitos pensam, pelo contrário, ele sabe reconhecer a necessidade dos posseiros de lutarem pela terra, mas também sabem que esses povos não podem ser “empurrados” para terras que são dos índios por direito. É isso que todo movimento social quer, lutar por melhores condições de vida, que é direito de todos, seja o movimento indígena, MST, posseiros, a luta escravista entre outros.

Belo Monte: Desenvolvimento ou desenraizamento?

A hidrelétrica de Belo Monte possuirá uma capacidade para abastecer mais de 26 milhões de habitantes. A construção da hidrelétrica ocupará as regiões dos municípios paraenses de Altamira, Anapu, Brasil Novo, Senador José Porfírio e Vitória do Xingu. O lago gerado pela usina terá 516 km² de área, inundando 51.600 hectares de floresta, deixará submersos parte do Xingu (Volta Grande) e um terço de Altamira.

Mas essa idéia sobre pressão de alguns indígenas da época foi engavetada sendo novamente analisada nos últimos anos como parte do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). Recentemente foi aprovado o projeto de construção da usina que vai desalojar cerca de 20.000 pessoas e vai gerar cerca de 80.000 postos de trabalho em sua construção. Em outras formas de protestos e reuniões colocam em pauta

o possível acordo para que os índios deixem as terras pacificamente e aceitem as formas de indenização propostos pelo governo juntamente com a usina.

A vida dele é na terra vivendo na mata usando de forma consciente os bens naturais que para ele não tem fins financeiros, mas sim espirituais porque para o índio aquele território tem relação com ancestrais de outras gerações o que para ele tem muito valor.

Vai desaparecer o peixe, morrer muita caça, e a gente vai passar fome, não vamos ter todas as coisas que tem no rio e na mata. Vocês pensam que índio não é gente e que não tem valor? Mas nós somos gente e iguais a vocês brancos, temos o mesmo valor que vocês. Vocês podem governar na cidade de vocês, mas no rio, na nossa aldeia, não é vocês que governam. Tente respeitar o nosso direito e o que é nosso. Não queremos barragem. Não queremos Belo Monte (ARARA).

Mas infelizmente parece que a obra da usina vai acontecer e vários índios vão tem que deixar suas aldeias e tribos por ignorância, cobiça e falta de respeito das autoridades maiores interessadas apenas em crescimento sem planejamento, pensando apenas em serem bem vistos no mundo e dizer que o país esta se desenvolvendo e crescendo.



Esta charge já mostra que se os índios não saírem do local, vão construir a usina em cima deles. Ou seja, vão usar de violência mais uma vez, para retirar esse povo que já esta ali há tanto tempo por interesses somente do capital.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste trabalho foi abrir os olhos da sociedade para os índios. Eles estão aqui há muito mais tempo que nós e não está sendo valorizada esta raiz. Essa é uma luta desse povo que batalhou ao longo de muitos anos para conseguir viver em uma terra que é sua por direito. Entendemos que o índio é o filho da terra, terra que para estes é um solo sagrado onde podem praticar e viver as suas tradições, e embora estejam inseridos em um território, dentro do sistema capitalista, que diferentemente deles, visa a terra enquanto mercadoria, como valor de troca.

Para finalizar penso que o índio não quer apenas suas terras, ele quer seus direitos reconhecidos e o respeito de sua cultura sua história. A luta indígena não pode ser vista apenas como uma luta pela terra. Ela é, antes de tudo, uma luta pela vida.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil** - Primeira Configuração Espacial. 3ª Ed.- Brasília: Mapas. Editora & Consultoria, 2005.

ESTERCI, Neide. **Trabalho escravo no Brasil Contemporâneo**. São Paulo, Royola. 1999, p. 101-125.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A geografia das lutas no Campo**. São Paulo, Contexto, 1990, p. 19-28 / 54-81.

PICOLI, Fiorelo. **O capital e a devastação da Amazônia**. São Paulo, Expressão Popular, 2006.

Google Imagens
Acesso em: 25/11/2011

www.geomundo.com.br/mato-grosso-do-sul
Acesso em: 25/11/2011



www.amigosdaterrabrasil.wordpress.com/2011/02/07/hidreletrica-de-belo-monte-e-a-questao-indigena.

Acesso em: 25/11/2011

www.xinguvivo.org.br/2011/04/19/belo-monte-e-o-ultimo-ritual-indigena

Acesso em: 25/11/2011